

O HERÓI LACERADO EM “DOIS IRMÃOS”, DE MILTON HATOUM

Mirandolina Alvares de Deus e Melo Neta¹; Ricardo Postal²

¹Estudante do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa - CAC - UFPE; E-mail: mirandolinaneta@hotmail.com, ²Docente/pesquisador do Depto de Letras - CAC - UFPE. E-mail: ricapostal@gmail.com.

Sumário: O presente trabalho tem como finalidade apresentar estudo acerca das características que determinam como o imaginário do mito heroico envolve e define as personagens Yaqub e Omar, bem como da influência da nova subjetividade heroica em seu posicionamento social e em suas articulações com o poder. Com vistas a esse propósito, realizamos uma análise do livro *Dois Irmãos*, do escritor Milton Hatoum pondo em perspectiva a noção heroica atual com a de uma obra contemporânea. Deste modo, utilizamos como aporte teórico: as indicações de Campbell (1998) ao tratar dos dezessete passos que formam a jornada do herói, a partir da comparação entre os paralelos da psicanálise (a significação dos sonhos) e dos mitos; Meletínski (1998) e suas indicações dos tipos de heróis e suas características; Trousson (1988) e suas investigações sobre temas e mitos. Para o desenvolvimento da análise realizamos leitura da obra *Dois Irmãos*, elencando os fragmentos que ilustram a influência dos heróis no contexto apresentado e nas concepções do autor. Obtivemos como resultados o estabelecimento do perfil comportamental destes heróis; a construção da figura do herói, nos âmbitos psicológico (o que ele entende por sua própria identidade) e social; e o processo motivador de suas ações.

Palavras chaves: *Dois Irmãos*; herói; Milton Hatoum; Omar e Yaqub

INTRODUÇÃO

A composição dessa investigação representa um recorte do Projeto de Iniciação Científica – CNPq – UFPE, denominada O herói lacerado em “Dois Irmãos”, de Milton Hatoum, sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Postal. Deste modo, pretende-se render uma análise da presença do herói na obra *Dois Irmãos*, escrita por Milton Hatoum. Nascido em 1952, Milton Hatoum viveu em Manaus até os quinze anos, ocasião em que mudou-se para Brasília com dois amigos. Lá terminou o Ensino Médio, mas precisou sair da cidade no período da ditadura militar. Cursou Arquitetura e Urbanismo na FAU e foi ouvinte do curso de Letras simultaneamente. Formou-se, mas nunca exerceu a profissão de arquiteto. Escreveu 5 romances, teve sua obra traduzida em 12 línguas e difundida em 14 países e publicou também ensaios e artigos sobre literatura brasileira e latino-americana em jornais e revistas do Brasil, Itália, Espanha e França. O romance *Dois Irmãos* foi publicado nos anos 2000 e apresenta a história de uma família de origem libanesa que vive em Manaus no período dos anos 20. O foco da narrativa encontra-se na relação dos dois irmãos gêmeos: Yaqub e Omar, filhos do casal Halim e Zana. Pela voz de Nael, filho de Domingas (empregada da família) com um dos homens da família de Zana, a história ganha formato. A história se estende ao espaço de Manaus, o porto à margem do rio Negro, e apresenta personagens que se entregam a vingança, incesto e à paixão desmesurada. Meletínski (1998) nos apresenta, a partir de uma percepção épica, um indivíduo em sua totalidade, isto é, o herói épico partícipe da descendência divina, ligado à antiguidade, a um século de heróis, agindo contra o caos, passando por testes propiciatórios e tendo um caráter obstinado e propício a emancipação da sua personalidade. Já o herói moderno segue por

outros caminhos, uma vez que se mostra sem personalidade, vítima do alheamento, deseroicizado, mascarado, desprovido de reflexão, malandro, pícaro, carnalizado e dualizado. Sendo visto, dessa maneira, como “um indivíduo problemático”, ou seja, “um indivíduo que está em luta contra um mundo que ele não conhece completamente, nem é capaz de dominar” (LUKÁCS, 2009, 60). Isto é,

O herói moderno não sabe mais qual é a sua missão. Na verdade, o seu propósito é tentar encontrar, no universo desconhecido que o cerca, qual é a sua verdadeira missão. (...) Assim, a aventura do herói moderno tornou-se uma aventura de natureza degradada. (idem, 150)

É importante destacar que em *Dois Irmãos*, os gêmeos eram absolutamente iguais. Os cinco anos em que Yaqub foi afastado da família sem saber o porquê não foram suficientes para amenizar tamanha semelhança:

Agora ele estava de volta: um rapaz tão vistoso e alto quanto o outro filho, o Caçula. Tinham o mesmo rosto anguloso, os mesmos olhos castanhos e graúdos, o mesmo cabelo ondulado e preto, a mesmíssima altura. Yaqub dava um suspiro depois do riso, igualzinho ao outro. O andar era o mesmo: passos rápidos e firmes que davam ao corpo um senso de equilíbrio e uma rigidez impensável no andar do outro filho, o Caçula. (HATOUM, 2000, p. 16).

Yaqub apenas estendeu a mão direita e cumprimentou o irmão. Pouco falaram, e isso era tanto mais estranho porque, **juntos, pareciam a mesma pessoa.** (idem, p. 25 [grifos nossos]).

No entanto, no decorrer da narrativa, a dessemelhança entre os gêmeos são apontadas e ambos são revelados como adversários um do outro, sempre em extremos contrários:

Quando chovia, os dois trepavam na seringueira do quintal da casa, e o Caçula trepava mais alto, se arriscava, mangava do irmão, que se equilibrava no meio da árvore, escondido na folhagem, agarrado ao galho mais grosso, tremendo de medo, temendo perder o equilíbrio. A voz de Omar, o Caçula: “Daqui de cima eu posso enxergar tudo, sobe, sobe.” Yaqub não se mexia, nem olhava para o alto: descia com gestos meticulosos e esperava o irmão, sempre o esperava, não gostava de ser repreendido sozinho (...) Não, fôlego ele não tinha para acompanhar o irmão. Nem coragem. Sentia raiva, de si próprio e do outro, quando via o braço do Caçula enroscado no pescoço de um curumim do cortiço que havia no fundo da casa. (...) Yaqub se escondia, mas não deixava de admirar a coragem de Omar. Queria brigar como ele, sentir o rosto inchado, o gosto do sangue na boca, a ardência no lábio estriado, na testa e na cabeça cheia de calombos; queria correr descalço, sem medo de queimar os pés nas ruas de macadame aquecidas pelo sol forte da tarde, e saltar para pegar a linha ou a rabiola de um papagaio que planava lentamente, em círculos, solto no espaço. (idem, p. 18)

Desse modo, como afirma Jantsch (2012), Omar e Yaqub se completam, pois

o que falta em um há no outro, são como duplos complementares: Omar é corajoso, destemido, mulherengo, espaçoso, sem talento para os estudos, mas com talento de sobra para aproveitar a vida e gozar todos prazeres mundanos; enquanto Yaqub é inteligente, tímido, comedido, sério, galanteador, esforçado e bem sucedido. Omar é o selvagem que habita a rede da varanda e vive o conforto

da casa, que se comunica por grunhidos com as mulheres da família. Yaqub é a imagem do sucesso, é o galã fardado, o engenheiro inteligente e promissor que vive na cidade grande. (p. 05)

A autora ainda nos mostra Yaqub “como detentor de boas qualidades, sem qualquer defeito, enquanto Omar é retratado como um ser pequeno, fraco e sem caráter. Yaqub é melhor em tudo, melhor como pessoa, é o preferido de Nael, enquanto Omar é o preferido de Zana.” (p. 06) Porém, ao fim da narração percebe-se que a oposição dos gêmeos não é real. É nas tentativas de reconstruções das imagens e formas do passado que o narrador entende que Yaqub e é igual a Omar e vice e versa. Pois, “os gêmeos têm os mesmos defeitos, a mesma personalidade vingativa e os olhos guiados pelo mesmo conflito e cada um, a sua maneira, não mede as consequências”. (idem, p.07) Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa é fazer um estudo das características que determinam como o imaginário do mito heroico envolve e define as personagens Yaqub e Omar, bem como da influência da nova subjetividade heroica em seu posicionamento social e em suas articulações com o poder, tendo em vista as reflexões das vertentes da representação do mito na literatura brasileira, pois o herói sente a necessidade de, após a conclusão da jornada, não ser inútil, e ter que sempre fazer algo pelos outros e pelo lugar em que vive, pois é “alguém”; e os conflitos que se formam no interior do personagem possuem a carga moralizante do “certo e errado”, eles são postos em prova para que atitudes sejam tomadas. Sendo assim, o regresso caracteriza-se como impulsionador de suas decisões, da definição de seu caráter como ser influente naquela sociedade, e da verdade que carrega consigo. Trabalhamos com a ideia do herói lacerado na obra e estabelecemos como questões norteadoras: Quais as características que determinam e definem os personagens Yaqub e Omar como imaginário do mito heroico? Quais são as características heroicas? Qual a relação nostálgica dos personagens quanto ao seu deslocamento?

MATERIAIS E MÉTODOS

Para realização da análise foram selecionados fragmentos do livro *Dois Irmãos* e posteriormente os mesmos foram comentados, buscando destacar neles aspectos relacionados ao estudo do Herói na obra do autor Milton Hatoum.

RESULTADOS

Pudemos observar na obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum os seguintes aspectos: (a) as características que determinam como o imaginário do mito heroico envolve e define os personagens Yaqub e Omar, bem como da influência da nova subjetividade heroica em seu posicionamento social e em suas articulações com o poder; (b) as características heroicas na obra; (c) se as relações de aproximação e afastamento com o clã provocam uma herança mítica a ser seguida; (d) a relação nostálgica das personagens quanto ao seu deslocamento; (e) e, por fim, o comparativo entre a representação do heroísmo dos antepassados e a representação do heroísmo no personagem estudado.

DISCUSSÃO

Na obra *Dois Irmãos*, Milton Hatoum retoma os temas do drama familiar e da casa que se desfaz. Isto é, ele constrói a história de como as relações de identidade e diferença nessa casa são estruturadas. Tendo como enredo a história de dois irmãos gêmeos – Yaqub e Omar – e suas relações com a mãe, o pai, a irmã, Domingas (a empregada da família) e seu filho. A história se estende ao espaço de Manaus, o porto à margem do rio Negro, e

apresenta personagens que se entregam a vingança, incesto e à paixão desmesurada. Sendo assim, o autor desenvolve o embate entre os dois irmãos gêmeos para alcançar as benesses (sejam o amor da irmã, o amor da mãe, o respeito do pai, uma posição social, dinheiro, poder) joga com elementos heroicos (a jornada, o retorno, a (re)inclusão no clã) em antíteses constantes, mostrando os aspectos ascensionais de que fala Durand sobre o regime diurno das imagens, em que a simbologia do poder se efetua pela tomada de espaço numa formação de identidade pelos indivíduos. Os personagens em questão não trazem de seus deslocamentos grandes dificuldades, porém carregam uma herança da diáspora de seus antepassados que vai ser determinante para sua fixação (ou não) como seres aclamados e/ou como superiores, pois a imagem identitária que vão construir existe a partir de sua relação com imagens precedentes, gerando uma demonstração que precisa de uma história e de uma memória (POSTAL, 2012).

CONCLUSÕES

Percebemos em *Dois Irmãos*, um caminho que se bifurca perante os personagens, um deles sendo levado a agir e sempre “de acordo” com o que a sociedade acha certo, outro ouvindo o chamado da sombra (CAMPBELL, 2002) que exerce um fascínio tal, gerando um constante conflito sobre o que fazer. Ambas as faces, irmãos, tem que decidir sempre entre a razão – que faz pensar nas origens, na família, - e o sentimento – força que impulsiona a agir de acordo com os ímpetos, sem levar em conta a existência de um risco. Toda essa trajetória que os heróis percorrem durante a narrativa nos mostra o constante conflito de seres lacerados, isto é, o fio condutor da vida é dividido entre o que são e a imagem que sustentam.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo cuidado, carinho e proteção. Ao CNPq e à Universidade Federal de Pernambuco pelo fomento à pesquisa na graduação e pelos recursos fornecidos para o desenvolvimento desta investigação. Ao professor Ricardo Postal, pelas orientações, confiança, presteza, paciência e sinceridade.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2002.

HATOUM, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JANTSCH, Mariana S. **Ambivalências do sujeito**: figurações do duplo em *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. In: V Colóquio Internacional Sul de Literatura Comparada - Fazer Indisciplinados, 2012, Porto Alegre. V Colóquio Internacional Sul de Literatura Comparada - Fazer Indisciplinados, 2012. p. 1-10.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; 2009.

MELETÍNSKI, E. M. **Os Arquétipos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

POSTAL, Ricardo. **Mascarilha e récita**: estratégias contemporâneas de figuração identitária. Anais do III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS): Dilemas e desafios na contemporaneidade. Campinas, 2012.